



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## ***BRUMARIANA E A CONTRAOFENSIVA IMAGÉTICA NO INSTAGRAM***

Rogério Luiz Silva de Oliveira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: rogerioluizso@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Em poema dorido, intitulado *Brumariana*, o compositor baiano Álisson Menezes ecoava o seu sentimento diante de dois acontecimentos devastadores que chocaram o Brasil: o primeiro deles, o rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, município de Mariana, em Minas Gerais, no dia 5 de novembro de 2015; o segundo, uma tragédia da mesma natureza, na barragem da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019, no mesmo estado. Posteriormente ao segundo episódio, nasciam os primeiros versos: “Fale do vale/Da fama, da lama/Do laudo insano/Fale do *fake*/da vale, da face/Do horror engendrado/Fale da vala/da vale, da vela/do fel, da fé/da ferida sangrenta/Feriram/Riram/rirão/Foram/Feriram/Serão.”

O neologismo concebido pelo poeta para intitular o escrito, funciona como um dispositivo inicial de uma reflexão que objetiva analisar fotogalerias publicadas em contas da rede social de compartilhamento de imagens *Instagram* no período entre os dois acontecimentos. O conjunto de imagens estáticas será analisado em conformidade com as ideias de *imagem*, *semelhança* e *arquisesmelhança* apresentadas por Jacques Rancière em seu livro *O Destino das Imagens*. Ao organizar tal conjunto de imagens compartilhadas na internet, espera-se promover um exercício de compreensão das feições de uma forma contemporânea de trato com a memória.

É certo também que, ao tomarmos as séries (de sete a dez fotografias) compartilhadas como objeto de análise, apresentaremos elementos para se pensar na questão narrativa enquanto contraofensiva imagética diante dos acontecimentos que, dentre os inúmeros sentimentos, despertou revolta. Inspirando-nos na retomada de princípios da semiologia, reconsiderado por Rancière, a observação do conjunto de imagens instiga a problematização do tema sob a ótica do detalhe, o que para Georges Didi-Huberman, em arte, “se presta ao discurso” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 324). Trata-se, nesse sentido, da submissão de uma pesquisa em andamento dedicada aos desdobramentos imagéticos de duas tragédias sócio-ambientais. É justamente nisso que



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

encontramos a pertinência da investigação proposta, tendo em vista, ainda, que na estrutura comunicacional dos anos 2010, a manifestação imagética possibilitada pelos processos de digitalização ocupa espaço e força de contraofensiva informacional no mundo.

## METODOLOGIA

O primeiro procedimento adotado nesta etapa da pesquisa foi a observação do enorme fluxo de imagens que circularam na rede social *Instagram* no intervalo entre os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho. Neste intervalo, a princípio, cinco contas chamaram a atenção pela periodicidade das publicações: *folhadespaulo*, *midianinja*, *jornalistaslivres*, *isismedeiros\_foto* e *atingidosporbarragens*. A partir destes perfis, procedeu-se na catalogação das postagens, capturando a tela com as imagens postadas. Esse levantamento apontou para alguns traços recorrentes como, por exemplo, a opção pela utilização de séries de fotografias num mesmo *post*, apresentando uma sequência cronológica de acontecimentos. O conjunto abaixo de imagens que registram o auxílio de cães farejadores na busca por vítimas em Brumadinho ilustra a estratégia.

### 1. Sequência de post do perfil *folhadespaulo*, de 4 de fevereiro de 2019.



Fonte: Instagram do perfil *@folhadespaulo*

A amostra acima começa a revelar um segundo traço característico das imagens. Algumas sequências apresentam unidade, a partir de determinados elementos de composição. Neste caso, os cachorros funcionam como fio que conduz a narrativa construída. Ao nos depararmos com esta peculiaridade, somos remetidos a possíveis diálogos com as obras de Jacques Rancière – e com Roland Barthes, por extensão –, além de Georges Didi-Huberman, já que para os três autores a problemática de análise das imagens está centrada nos detalhes ou, em outras palavras, na condição icônica da fotografia, pertinente neste caso. Delineou-se, desse modo, um caminho para a leitura

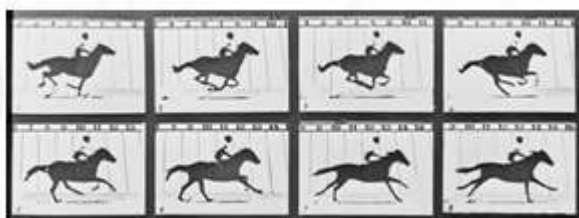


das imagens que possibilitasse uma aplicabilidade semiológica, sem que se perdesse no emaranhado iconológico, diante do qual Didi-Huberman, por exemplo, se posiciona criticamente. As imagens agregadas num mesmo grupo apontaram também para uma tradição audiovisual que, sinteticamente, poderia ir de Eadweard Muybridge a Chris Marker, no que pese a utilização narrativa de imagens fixas sucessivas. A partir do conjunto imagético, em cujo seio notamos recorrência narrativa, procedeu-se na leitura das imagens a fim de identificar o teor contraofensivo construído.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão feita a partir do todo imagético nos remeteu a determinadas experiências narrativas da história do audiovisual. A princípio, ocorreu-nos a construção de Chris Marker, em *La Jetée*, em que constrói uma ficção fazendo uso de imagens estáticas. Todavia, o imbricamento histórico encontra ponto mais alto em outro instante que chega mesmo a nos possibilitar uma, ainda que breve, genealogia da linguagem audiovisual. Encontramos as experiências assinadas por Eadweard Muybridge dedicadas ao registro do movimento.

### 2. Sequências fotografadas por Eadweard Muybridge



Fonte: Coleção Eadweard Muybridge. <http://www.eadweardmuybridge.co.uk/>

Rememorando a prática de Muybridge, inicialmente fazemos uma localização histórica da ferramenta disponibilizada pela rede de compartilhamento de imagens. A observação sugerida em nossa metodologia de trabalho revela sequências como a do fotógrafo e documentarista Daniel Marengo, repostada pela conta *midianinja*.



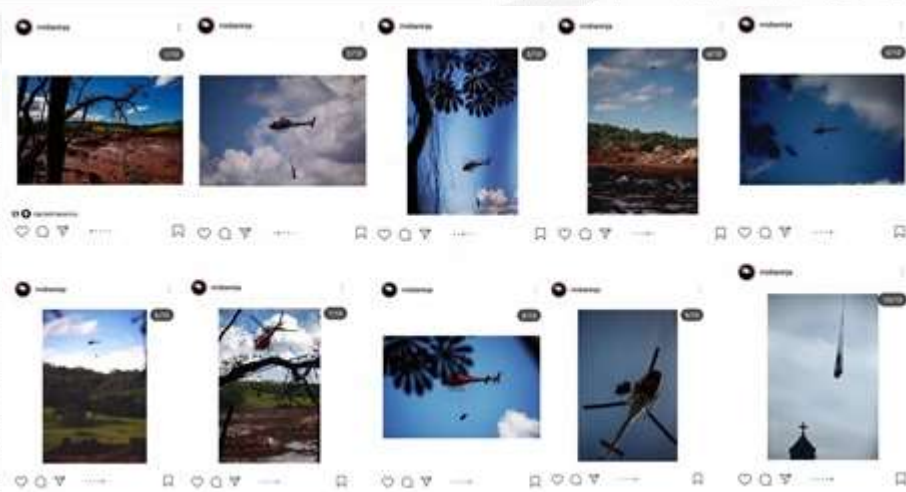
**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

### 3. Sequência registrada pelo fotógrafo Daniel Marenco



Fonte: Instagram do perfil @midianinja

Para além do destaque plástico, convém considerar que o mais importante na sequência é o sentido destas imagens produzidas *in loco*. Aqui, Didi-Huberman certamente foi uma fonte inspiradora quando, ao falar sobre as fotografias que ele mesmo registrou em Bikernau e ao entrar em um dos galpões para onde os judeus eram levados pelo regime nazista, chegara a alvitrar: “Fotografar isto é fatalmente produzir imagens de perspectivas aterradoras” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 38). Há uma diferença, todavia, entre as experiências de Marenco e Didi-Huberman. Este último visitara um espaço agora transformado em memorial. No entanto, as imagens que dizem respeito ao trabalho do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, no transporte de corpos encontrados em meio à lama de rejeitos em Brumadinho, são caracterizadas pela força de uma mensagem direta. Funcionam, no dizer de Rancière, “como discurso cifrando uma história” (RANCIÈRE, 2012, p. 20). O helicóptero é o elemento que une todas as imagens. E onde se vê aeronaves, depreende-se corpos inanimados. O helicóptero como ponto recorrente nas imagens transita entre o que Roland Barthes denominou *punctum e studium*, o que, na revisão de Jacques Rancière, nos remete à ideia de alteridade da imagem. Para tanto, considera-se a capacidade destes elementos de “estabelecer uma relação direta entre a natureza indicial da imagem fotográfica e o modo sensível por meio do qual ela nos afeta” (RANCIÈRE, 2012, p. 18).

Complementando o conjunto de séries de fotografias que sustentam nossa



reflexão, convocamos um terceiro e último grupo. Nele, a fotógrafa Isis Medeiros revela desdobramentos imagéticos de sua inquietação diante do acontecido em Mariana. Recorre a uma possibilidade do *Instagram* para construir um mosaico com fotografias registradas na gravação do videoclipe da música *Quanto Vale?* da banda Djambê.

O detalhe de que se falava anteriormente aqui está representado pela lama. Ela une as imagens utilizadas na construção do mosaico e constituintes da sequência de fotografias que destacamos.

#### 4. Sequência de fotografias de Isis Medeiros. Gravação do videoclipe da música *Quanto vale?*



Fonte: Instagram do perfil @isimedeiros.foto

Situada num tempo artístico contemporâneo, a sequência ilustra adequadamente a compreensão de Rancière quanto à existência de um tipo de imagem utilizado pela arte e definida, por ele, como arquissemelhança: “Ela é a semelhança originária, a semelhança que não fornece a réplica de uma realidade, mas o testemunho imediato de um outro lugar, de onde ela provém” (RANCIÈRE, 2012, p. 17). Ouvindo a letra da música para a qual estas imagens servem como plano de fundo imagético, temos a certeza de que a realidade de onde emana a expressão tem a ver com a avassaladora destruição ocasionada pelo rompimento da barragem de fundão, sem que as imagens sejam literais. Ao contrário, elas transcendem a realidade tomada como referência.

## CONCLUSÕES

Por meio de estratégias narrativas e acabamentos plásticos genuinamente desenvolvidos ao longo de uma história particular, o conjunto de séries de fotografias postadas no *Instagram* constitui uma contraofensiva plástica levantada diante de dois episódios criminosos, valendo-se de recursos coerentes com a história da linguagem fotográfica. Enquanto faz isso, insere novos elementos plásticos e de apresentação que, livres de verborragia, resulta em impacto visual revelador da potência da imagem. O silêncio verborrágico das sequências finda por revelar uma dimensão de memória em que a ocorrência se dá na decodificação silenciosa dos detalhes.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Ao fazer isso, concordando com o entendimento de Rancière, nessa “celebração contemporânea da imagem” reivindica-se o fazer imagético como marca efetiva da coisa e, em lugar das figuras do discurso, a materialidade de um visível que explode a imitação (RANCIÈRE, 2012, p. 18). Curioso observar a utilização do termo “evocação nostálgica” (*idem*) pelo autor, ainda quando trata da arte deste tempo específico. A memória das vítimas parece, no conjunto de imagens, eclodir na força dos detalhes: cães farejadores, helicóptero ou lama, todos constituem signos da arte que evocam reminiscências da destruição descomedida. A arquissemelhança, essa vai fundo na dor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brumadinho; Mariana; *Instagram*; Fotografia; Arquissemelhança.

#### REFERÊNCIAS

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. 1ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Col. ArteFíssil).